

"Economist" ouve "o fim da música"

O semário inglês *The Economist* com data de 12 de março publicou um encarte de 20 páginas sobre o Brasil, escrito por seu editor de economia, Rupert Pennat-Rea e sob o título "Quando a música parou" no qual afirma que os credores internacionais do Brasil admitem que emprestaram dinheiro demais e alguns deles gostariam de retirar o dinheiro logo que for possível e jamais retornar.

Pennat-Rea, no entanto, afirma que outros credores, principalmente os maiores bancos, apesar de se sentirem abalados com os acontecimentos recentes, continuam confiantes nas perspectivas a longo prazo do Brasil. Para o *The Economist*, ir ao FMI era considerado "uma humilhação nacional", mas a derrota da Copa do Mundo, quatro meses antes, foi um choque maior ainda.

O Pão de Açúcar

The Economist conclui, dada a situação econômica nacional, que o Brasil pagará todo débito internacional que contraiu e lembra que os banqueiros internacionais, nos anos 70, com os depósitos em petrodólares fluindo em abundância, tinham mesmo de emprestá-los. Iam ao Brasil (que nos 10 anos anteriores a 1975 tivera uma média anual de crescimento econômico de 9%) e especialmente a São Paulo ("tão grande quanto Nova Iorque e com melhores restaurantes") e só encontravam PhDs ou MBAs das universidades americanas. Viajavam de avião pelo país e só viam "uma cornucópia de colheitas e uma riqueza mineral potencialmente maior do que nos próprios Estados Unidos". Nos fins-de-semana, velejavam na costa do Rio. Depois de olhar a paisagem do cimo do Pão de Açúcar, concordavam com os empréstimos.

No dia 20 de dezembro de 1982, recorda o *The Economist*, centenas de banqueiros tiveram de ir ao Plaza Hotel, em Nova Iorque, para ouvir do presidente do Banco Central, Carlos Langoni, a afirmação de que o Brasil não poderia pagar seus débitos a vencer em 1983. Além disto, queria um empréstimo extra de 4,4 bilhões de dólares e a manutenção das linhas de crédito aos importadores brasileiros e às filiais dos bancos brasileiros no exterior.

Renda e saúde

The Economist recorda que "desde o golpe de 1964 o Brasil está sendo dirigido por ministros tecnocratas escolhidos por generais autocratas", mas elogiou a abertura política que permitiu a eleição por voto direto de governadores, Congresso e assembleias e alguns prefeitos em 22 estados. "Os generais sendo generais, as eleições que eles permitiram não foram completamente livres e abertas", mas, o que é importante, apesar das grandes disparidades de renda e saúde, "muitos brasileiros votaram pelo centro moderado". Os novos governadores "estão assumindo com o desemprego crescendo e as suas finanças espremidas".

Na parte intitulada **Transformando a água em vinho**, *The Economist* afirma que nos 15 anos que se seguiram ao golpe "os tecnocratas edificaram um dos maiores setores públicos fora da Europa Ocidental — não por convicção ideológica, mas porque a dissipação é filha da tecnocracia". Boa parte das despesas do orçamento fiscal do Governo central "está fora de controle". As empresas estatais (em número de 560) empregam 1 milhão 300 mil pessoas e são responsáveis por 55% de todos os investimentos no Brasil.

"O Brasil sem inflação", diz *The Economist*, no capítulo **Extraíndo o Ferrão da Inflação**, "parece tão improvável quanto o Rio sem a praia de Copacabana". Mas dirigentes se preocuparam profundamente com a inflação de 99,7% do ano passado por três razões: porque as altas taxas de inflação não são estáveis, porque a inflação é ruim para o crescimento e porque quanto mais rápida a inflação pior para adotar certas políticas e maiores as penalidades se elas forem erradas. A maxidesvalorização de 30% do cruzeiro em relação ao dólar, dia 18 de fevereiro, deveu-se "à impaciência do Governo com os resultados do gradualismo".

Número real

Apesar da pequena queda das taxas de juros que se seguiu à maxidesvalorização, "nem todos os industriais ficaram satisfeitos", principalmente porque muitas companhias foram encorajadas pelo próprio Governo a tomar dólares emprestados no final dos anos 70. Segundo o *The Economist*, de 1979 a 1983 a fórmula da correção monetária tem sido "politicamente útil e economicamente prejudicial". Pelas estatísticas oficiais, a taxa de desemprego está abaixo de 9%, mas "ninguém duvida de que o número real é muito mais alto".

Na parte política (**Os generais permanecem em posição de descanso**), ilustrada com uma foto do Presidente Figueiredo, de sunga, levantando peso, e com fotos dos Governadores Leonel Brizola, Tancredo Neves e Franco Montoro, *The Economist* afirma que "há chances de que o próximo Presidente seja civil, porque este será um passo de transição óbvio entre um General nomeado como o Presidente Figueiredo e a concretização da abertura". Num capítulo intitulado **Culpa Partilhada é Culpa Suavizada** (no qual é lembrada a marcha carnavalesca **Ei, FMI/ Me dá um dinheiro aí**), *The Economist* lembra o desnível, que sempre existiu, entre ricos e pobres e as diferenças regionais: a renda per capita de São Paulo era 4 mil dólares em 1980 e a do Nordeste 600 dólares.